



Projeto Mário Travassos

Artigo de Opinião

VILLAGRAN CABRITA, A REFERÊNCIA AZUL TURQUESA

Cad Julio Caetano Leal Lopes de Oliveira
(Opinião de inteira responsabilidade do autor)

2023

INTRODUÇÃO

No contexto do Exército Brasileiro, o título de "patrono" é conferido a personalidades históricas e militares que são escolhidas como exemplos inspiradores e representativos dos valores, tradições e excelência que a instituição busca promover e preservar. Por ser caracterizado como exemplo e uma figura de representação do ethos do engenheiro militar, Vilagran Cabrita foi escolhido como patrono da arma Azul Turquesa.

Outrossim, podemos definir a liderança militar, de acordo com o manual de instrução C-20-10 (Liderança Militar), como sendo um processo de influência interpessoal do líder militar sobre os seus liderados, na medida em que implica o estabelecimento de vínculos afetivos entre os indivíduos, de modo a favorecer o logro dos objetivos da organização militar em uma dada situação.

Na AMAN, diferente de algumas linhas de pensamento, acreditamos que a liderança não é intrínseca ao indivíduo, ou seja, não é uma característica com a qual o militar nasce, e sim algo que pode ser desenvolvido através da atribuição de responsabilidades que visam o desenvolvimento de atributos no Cadete de Caxias.

Este texto tem como objetivo explorar a vida e as realizações desse notável indivíduo, mergulhando na história que o define e que continua a inspirar gerações. Ao longo das próximas linhas, desvendaremos as motivações, os desafios e os triunfos de João Carlos de Vilagran Cabrita.

Além disso, iremos abordar os aspectos ímpares de liderança e exemplo que Cabrita desenvolveu durante seus tempos em combate. Aspectos esses que o tornaram um espelho para o ethos dos engenheiros de ontem, de hoje e de sempre.

2. O LÍDER DA ARMA AZUL TURQUESA

João Carlos de Vilagran Cabrita é uma figura notável que marcou sua trajetória na história contemporânea. Nascido em uma época turbulenta, seu nome se tornou sinônimo de coragem, determinação e ousadia. Ao longo dos anos, ele conquistou uma

posição de destaque em diferentes campos, moldando assim sua reputação como um indivíduo multifacetado e influente.

Originário de uma família modesta, Cabrita enfrentou inúmeras dificuldades desde cedo, mas sua perseverança e talento logo começaram a se destacar. Desde os primeiros anos de vida, demonstrou uma habilidade única para enxergar além das circunstâncias adversas, o que o impulsionou a buscar conhecimento e expandir suas habilidades.

Com o tempo, Vilagran se tornou conhecido por suas contribuições em diversos campos. Sua versatilidade lhe permitiu navegar com sucesso em ambientes tão diversos quanto a ciência, política e, principalmente, militar. Seu caráter inquisitivo e capacidade de adaptação foram fundamentais para a sua notoriedade, e ele se destacou como uma figura que transcendeu barreiras e limites convencionais.

Nascido em 30 de dezembro de 1820 no Uruguai, em tempo que o Brasil era colônia de Portugal e o seu território fora anexado ao domínio português como província cisplatina, até 1825.

Era filho do Major Francisco de Paula Avellar Cabrita e Appolônia de Vilagran Cabrita. Seu pai servia ao exército, em Montevidéu, o que assegurava certas prerrogativas aos filhos que se destinassem à carreira militar. E, por ser filho de militar, Vilagran Cabrita, ao ingressar no Exército, como voluntário, em 13 de janeiro de 1840, foi reconhecido cadete de primeira classe logo depois, no dia 5 de fevereiro do mesmo ano.

Matriculado na Escola Militar da Corte, concluiu o seu curso com notas distintas e plenas, sendo declarado alferes-aluno no dia 8 de novembro de 1842. Logo depois, promovido a Segundo Tenente e classificado no 1º Batalhão de Artilharia a pé. Em menos de um ano, foi promovido a Primeiro Tenente, por decreto de 9 de agosto de 1844.

Como Primeiro Tenente, seguiu para a Província de Pernambuco em missão de assegurar a manutenção da ordem naquela província politicamente conturbada. Logo regressou à Corte para finalizar seus estudos, e em 16 de janeiro de 1847 recebeu o diploma de Bacharel em Matemática e Ciências Físicas.

O Brasil mantinha, até então, excelentes relações com o Paraguai, sobretudo pelo apoio que prestara a sua independência. O que levou o governo paraguaio a solicitar do Brasil uma Comissão Militar de Instrução para colaborar no preparo do seu exército. O governo brasileiro, disposto a atender prontamente à referida solicitação, selecionou oficiais de elite para a missão, entre os quais Vilagran Cabrita, ainda como tenente.

E foi assim que, por ironia do destino, Cabrita recebeu, além da missão de instruir os oficiais do exército paraguaio, a de projetar e iniciar a construção da fortaleza de Humaitá, que constituiria, mais tarde, um dos grandes obstáculos à progressão das forças brasileiras na Guerra do Paraguai

Regressou ao Brasil em 1852, sendo promovido a Major por merecimento intelectual. Passou depois a pertencer ao Batalhão de Engenheiros, ainda em sua fase de organização, no quadro da arma de Artilharia. Em 1859 foi, ainda, professor da Escola Militar e de Aplicação

Ao eclodir a Guerra do Paraguai, o Batalhão de Engenheiros recebeu ordem de deslocamento para o futuro Teatro de Operações. Cabrita ocupava o posto de Major e tinha como objetivo básico a travessia do rio que marcava a fronteira do Brasil com o Paraguai e, por causa disso, Cabrita foi nomeado comandante interino do Batalhão de Engenheiros em 24 de julho de 1865, em substituição ao Major Hermenegildo Portocarrero.

Nesse combate, a principal vitória pela qual Cabrita esteve à frente foi a travessia do Rio Paraná e a subsequente conquista da Ilha de Redenção, conquista essa que foi primordial para a tomada do Forte Itapiru, ponto de defesa ímpar do Paraguai.

Na margem direita do Rio Paraná, encontrava-se um forte estrategicamente posicionado, que também tinha vista para um riacho vindo dos acampamentos paraguaios no Passo da Pátria. Esse riacho favorecia o mascaramento e a aproximação das forças inimigas, tornando a posição bastante perigosa para as atividades da margem brasileira. Além disso, a Ilha da Redenção, conforme consta no relatório da Comissão de Engenheiros, oferecia uma excelente cobertura contra a observação inimiga,

protegendo, assim, as atividades na margem brasileira, que não possuía elevações que permitissem uma visão clara.

O núcleo principal das ações dos paraguaios era, sem dúvida, o forte de Itapiru, que se destacava não apenas pela vantajosa localização nos barrancos da margem direita, com a proteção de um importante obstáculo natural, mas também pela sua organização e pelo amplo comando que exercia sobre as forças brasileiras.

Diante desse cenário, tornava-se essencial considerar os meios de transposição para realizar a travessia. Naquela época, não era possível pensar em uma travessia contínua, uma vez que o Exército não dispunha de equipamentos de pontes adequados para tal operação. Além disso, a dificuldade de obter informações precisas sobre as ações do inimigo era agravada pela impossibilidade de enviar patrulhas de reconhecimento devido ao obstáculo representado pelo rio.

Diante de todas essas dificuldades, foi de suma importância que Cabrita demonstrasse e materializasse a sua liderança sob seus comandados, visto que a operação seria essencial para todo o teatro de operações e era caracterizada pela complexidade de execução. Sabe-se que, até hoje, no amplo espectro dos conflitos armados, operações de transposição de curso d'água são extremamente difíceis e exigem um alto nível de liderança e decisão por parte do líder.

Por isso, foi de extrema importância que a tomada da Ilha da Redenção fosse realizada de surpresa. À noite e em absoluto silêncio, as forças lideradas por Vilagran Cabrita conseguiram conquistar essa posição estratégica, garantindo assim uma vantagem significativa durante o conflito.

Após a bem-sucedida conquista da Ilha, ocorreu uma terrível tragédia em 10 de abril de 1866. Enquanto João Carlos de Vilagran Cabrita estava a bordo de uma chata, acompanhado por seu secretário, o alferes Woolf, o ajudante Tenente Carneiro da Cunha e o Major Sampaio, que havia vindo em um pequeno vapor para parabenizá-lo pelo triunfo alcançado, algo terrível aconteceu.

Enquanto Cabrita, cheio de alegria, redigia a ordem do dia para comemorar o feito que o tornaria imortal, uma granada disparada do forte atingiu a chata, causando a morte imediata de Cabrita. Além disso, a granada decepou as pernas do alferes Woolf,

despedaçou o corpo do Major Sampaio e causou graves ferimentos no rosto e na cabeça do Tenente Carneiro da Cunha, que foi levado imediatamente ao hospital de sangue (vapor Duque de Saxe). Após meses de tratamento no hospital em Corrientes, o Tenente Carneiro da Cunha sobreviveu a essa trágica hostilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao passo que, o incidente ocorreu por volta do meio-dia. A parte de combate foi então concluída pelo Capitão Antonio Hermano d'Andrade Pinto, que atuava como secretário do General Osório, assumindo a responsabilidade após a trágica perda de Vilagran Cabrita.

Dessa forma, a tragédia que ocorreu após a conquista da ilha, com sua morte prematura, trouxe grande pesar, mas sua memória e legado continuam a inspirar gerações. A bravura e dedicação de João Carlos de Villagran Cabrita permanecem como um exemplo a ser seguido por todos aqueles que almejam a excelência, coragem e dedicação ao servir à pátria. Seu nome ficará para sempre ligado à história do Brasil e ao que define, de fato, o ethos do engenheiro militar do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

LYRA TAVARES, Aurélio de. Vilagran Cabrita: E a Engenharia de seu tempo. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora , 1981.

MOTTA, Aricildes de Moraes (Coord.). História Oral da Engenharia Militar. Tomo 1. Rio de Janeiro/RJ: Biblioteca do Exército, 2009.

PILLAR Olyntho. Os Patronos das Forças Armadas, Bibliex: 1981.

TENENTE CORONEL VILLAGRAN CABRITA – ENGENHARIA. EB MIL. Disponível em: https://www.eb.mil.br/patronos/-/asset_publisher/e1fxWhhfx3Ut/content/vilagran-cabrta. Acesso em: 03Agosto 2023.